

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE GAÚCHOS EM SITUAÇÃO DE CONTATO DIALETAL COM TERESINENSES

LAS VOCALAS MEDIAS PRETÓNICAS EN EL HABLA DE GAÚCHOS EN SITUACIÓN DE CONTACTO DIALECTAL CON TERESINENSES

Thiago de Sousa Amorim¹
Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa²

Resumo: Este estudo tem como objetivo investigar se os gaúchos que residem em Teresina (PI) estão acomodando a realização da abertura das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, a fim de verificar, por intermédio de uma análise quantitativa, se os fatores linguísticos e extralinguísticos inerentes ao contexto de realização dessas vogais estão contribuindo para o processo de acomodação. Para tanto, o artigo teve como suporte uma metodologia ancorada na perspectiva da sociolinguística variacionista laboviana, a qual preconiza o uso de uma abordagem quantitativa para o tratamento dos dados, os quais foram coletados com 6 (seis) informantes gaúchos.

Palavras-chaves: sociolinguística; contato dialetal; mudança linguística; vogais médias pretônicas; falantes gaúchos.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo investigar si los gauchos que residen en Teresina (PI) están acomodando la realización de la apertura de las vocales medias pretónicas /e/ y /o/, a fin de verificar, por intermedio de un análisis cuantitativo, si los factores lingüísticos y extralingüísticos inherentes al contexto de realización de esas vocales están contribuyendo para el proceso de acomodación. Para ello, el artículo tuvo como soporte una metodología anclada en la perspectiva de la sociolingüística variacionista laboviana, la cual preconiza el uso de un abordaje cuantitativo para el tratamiento de los datos, los cuales fueron recolectados con 6 (seis) informantes gaúchos.

Palabras claves: sociolingüística; contacto dialectal; cambio lingüístico; vocales medias pretónicas; hablantes gaúchos.

Introdução

O Brasil é um país que comporta uma expansão territorial significativa, ao tempo em que as variedades de fala se diferenciam, a considerar as peculiaridades culturais, sociais e históricas de cada região. Cremos ter sido esta visão a que impulsionou estudiosos da língua a dividirem as isoglossas, linhas que separam os diferentes falares, cujo precursor foi Antenor Nascentes, ainda nos anos de 1920.

¹ Mestre e doutorando em Letras pela Universidade Federal do Piauí. Membro do Grupo de Estudos Hispânicos (NUEHIS) e do Grupo de Pesquisa LES (Linguagem, Escola e Sociedade). E-mail: tyagoamorim25@hotmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora da Universidade Federal do Piauí. Coordena o Grupo de Pesquisa LES (Linguagem, Escola e Sociedade). E-mail: costacatarina@uol.com.br

Partindo das linhas divisórias que separam os dialetos gaúcho e teresinense quanto à pronúncia das vogais médias pretônicas, Barbosa da Silva (1991), Silva (2009) e Bisol (2014) asseveram que o ponto de divergência linguística entre os dois falares é que, enquanto um tende a realizá-las fechadas, o outro as realiza abertas. É cabível destacar que as autoras defendem que as vogais médias em pauta pretônica acarretam um comportamento complexo no contexto de fala brasileiro, uma vez que permitem a abertura, o fechamento e o alteamento. Não consideramos o alteamento por ser um fenômeno comum a todos os falares do Brasil.

Considerando o exposto, uma questão se particularizou: os gaúchos que residem em Teresina estão acomodando a realização da abertura das vogais médias em posição pretônica? Diante disto, é sabido que, para a realização ou não de determinados fenômenos na língua, há enormes influências tanto de dentro da língua quanto de fora dela, assim, suscitou-se mais um questionamento: os fatores linguísticos e extralinguísticos no contexto de realização das vogais médias pretônicas estão contribuindo para a acomodação da abertura delas na fala de gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses?

Para tanto, a presente pesquisa objetivou, sobremaneira, investigar se os gaúchos que residem em Teresina (PI) estão acomodando a realização da abertura das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, a fim de verificar, por intermédio de uma análise quantitativa, se os fatores linguísticos e extralinguísticos inerentes ao contexto de realização dessas vogais estão contribuindo para o processo de acomodação.

Este estudo se organizou da seguinte maneira: na primeira seção, fizemos uma breve explanação sobre a teoria da variação na perspectiva laboviana; na segunda seção, apresentamos algumas noções acerca das vogais médias pretônicas; na terceira seção, discorremos sobre a metodologia utilizada para a realização da pesquisa e analisamos os dados; na quarta e última seção, apresentamos as considerações finais.

1 A teoria da variação

A Sociolinguística tem como marco referencial introdutório os postulados do linguista americano William Labov (2008 [1972]), destacando-se até os estudos contemporâneos como um dos principais sociolinguistas, de modo a retratar a relação entre língua e sociedade. Nesta área, Tarallo (2002, p. 57) traz à baila dois pontos principais que devem ser firmados nos estudos em sociolinguística: “[...] 1. a língua falada é heterogênea e variável; 2. a variabilidade da língua é passível de sistematização [...]”. A partir destas considerações, o autor deixa explícito que uma língua falada é susceptível à variação, como um sistema que permite o uso

de várias formas para expressar um conteúdo. É evidente que toda língua natural pode sofrer variação.

A variação linguística é perceptível nos mais variados grupos sociais, entretanto, os pertencentes a grupos mais pobres e menos escolarizados têm, geralmente, baixo prestígio social, uma vez que, conseqüentemente, a sua fala tende a ser estigmatizada e julgada pelos adeptos do conservadorismo, oriundos da classe mais privilegiada da sociedade. Faraco (2006) expõe dois fatores que contribuem para tal conservadorismo: (a) a realização da escrita por meio de uma substância mais duradoura do que o som, que lhe permite um controle social intenso, no qual preserva os padrões da linguagem e rejeita formas inovadoras; (b) a formalidade da escrita.

Na sociolinguística, a língua não é tida como um sistema homogêneo e unitário, como acontece no estruturalismo. De acordo com Silva (2008), Weinreich critica o efeito revolucionário e a questão da individualidade da linguagem proposta por Saussure, destacando que, ao distinguir a fala da *langue*, afasta-se do modelo neogramático que, por sua vez, estima a *langue* como social e a fala como individual, ressaltando ainda que na teoria saussuriana nada acomoda a heterogeneidade das línguas.

Contudo, entendemos que o posicionamento teórico saussuriano se explica, sobretudo, pela escolha epistemológica evidenciada pelo estudioso, a fim de colocar a linguística em um patamar dantes desconhecido, tornando-a a Ciência do uso da linguagem. Prosseguindo, para outros autores, a linguística foi sendo ampliada e suas relações teórico-metodológicas foram passando por contestações e por reformulações. Neste sentido, podemos destacar que há inúmeras divergências entre as diferentes teorias linguísticas, que são perceptíveis a partir do conceito de língua e do seu objeto de estudo.

Dentre as críticas estabelecidas ao modelo saussuriano, relativas à questão da variação e da mudança da língua, ressaltamos Lucchesi (2004), ao sobrepor dois processos linguísticos que estão intrinsecamente relacionados a esses acontecimentos: a variação e a heterogeneidade. O autor deixa claro que uma vertente teórica que rejeita esses dois processos não é capaz de teorizar sobre a mudança, como é o caso do estruturalismo, que se fundamentava apenas na funcionalidade intraestrutural de um sistema homogêneo e unitário.

Silva (2008) retoma alguns princípios gerais da mudança linguística a partir da teoria na perspectiva laboviana. Estes princípios nos ajudam a estabelecer ligações relativas à mudança e à variação linguísticas, que são: (a) a mudança procede da variação da fala; (b) a estrutura e a homogeneidade não se associam; (c) a variação e a heterogeneidade nem sempre abarcam

mudanças na língua, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade; (d) a mudança através da estrutura não é uniforme nem instantânea, envolve covariação de mudanças associadas ao tempo, que se reflete no espaço geográfico; (e) as gramáticas em que as mudanças ocorrem são gramáticas da comunidade e não do indivíduo; (f) a mudança se transmite na comunidade como um todo; (g) os fatores linguísticos e sociais são intimamente correlacionados ao desenvolvimento da mudança.

Faraco (2006) destaca contribuições empíricas feitas por Labov para uma maior compreensão da dimensão da variação e mudança, tais como:

- a) Mudanças em progresso em comunidades urbanas, que correspondem às mudanças encontradas em dados do presente, que explicam as situações do passado;
- b) A análise da variação em textos históricos, que se relaciona com as variações na grafia e na estrutura de textos de antes, cooperando para a delimitação de fases intermediárias, esclarecendo o problema da transição;
- c) A mudança linguística em *pidgins* y *criollos*, relativo ao problema do encaixamento estrutural e social, que corresponde à constituição das línguas mescladas como os *pidgins* e as *criollas*, em que as mudanças nestas línguas podem explicar sua natureza;
- d) A dialetologia, que busca esclarecer a mudança e a variação em um dado espaço geográfico, trazendo auxílios para o problema da transição;
- e) Mudanças linguísticas em comunidades pequenas, baseadas no fato de que no passado as cidades tinham pequeno porte, colaborando para uma melhor compreensão deste passado;
- f) Línguas em desaparecimento, referentes ao estudo de falantes de uma língua em processo de desaparecimento em oposição às que seguem conservadas, iluminando o problema da transição;
- g) Aquisição da língua, alusiva a um procedimento de mudança, que se compreende, atualmente, que não se dá de uma geração à outra, mas através de uma interação entre adolescentes mais velhos e adolescentes mais novos e pré-adolescentes;
- h) Estudo sistemático de variação, atinente à projeção da mudança na investigação do passado, considerando que a mudança emerge sempre da variação.

Por conseguinte, é importante destacarmos a diferença entre a variação e a mudança. Neste sentido, é manifesto que toda mudança implica variação, mas nem toda variação implica mudança. Assim, inferimos que variação nos leva ao sentido de que há várias formas equivalentes de se dizer alguma coisa, enquanto a mudança alude ao sentido de equilíbrio de

uma forma, tornando-a estável entre os falantes. Com o empreendimento deste trabalho, nos colocamos diante do processo de mudança linguística, à medida que investigamos se o falante gaúcho acomodou o seu modo de realizar as vogais médias pretônicas ao modo de fala teresinense o que, evidentemente, caracteriza a mudança na língua, a considerar dois dialetos em contatos. Portanto, para melhor compreender o sistema vocálico das vogais médias pretônicas no contexto brasileiro, elaboramos a seguinte seção.

2 As vogais médias pretônicas

Tendo em vista essa abordagem, propusemo-nos a estudar o processo de acomodação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ faladas por gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses, pelo viés da Sociolinguística laboviana. Deste modo, apresentamos o quadro seguinte, sobre as vogais pretônicas:

Quadro 3 – Vogais pretônicas.

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

Fonte: Camara Jr. (2015, p. 44).

Camara Jr. (2015) argumenta que a língua portuguesa tem por característica, dentre as línguas românicas, a emissão de nasal das vogais. Em sua interpretação, ocorre neutralização, termo criado por Trubetzkoy, que, segundo Battisti e Vieira (2010, p. 167), é um conceito oriundo da fonologia de Praga, que diz respeito à “[...] perda de um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica. Ex.: *caf[ε] – caf[e]teira, b[ε]lo – b[e]leza, s[ɔ]l – s[o]lção [...]*”. Notadamente, diante dos exemplos: *[ε]mprego, [ε]ntão, [o]ntem, c[o]nta*, não concebemos a pronúncia das vogais /e/ e /o/ como médias abertas diante dos segmentos nasais, assim, não há no português brasileiro as ocorrências: *[ε]mprego, [ε]ntão, [ɔ]ntem, c[ɔ]nta*.

Noll (2008, p. 51) defende que dentro do sistema linguístico de português brasileiro há problemas complexos referentes aos aspectos diatópicos, posicionais e diastráticos, quanto à realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/. O autor estabelece uma comparação entre as vogais do português do Brasil e do português de Portugal. Neste aspecto, argumenta que:

[...] se não existem influências metafônicas, o português brasileiro mantém os /e/, /o/ pretônicos, sendo as vogais articuladas ou fechadas ou abertas, sem levar em

consideração a qualidade etimológica da vogal, diferentemente do português europeu [...].

Com relação ao Brasil, o autor retoma Nascentes e esclarece que, sobre a abertura ou o fechamento das vogais /e/ e /o/, há a levar em conta a seguinte divisão, de modo a considerar uma linha demarcatória que atravessa horizontalmente o Brasil:

1^a: Grupo Meridional: corresponde ao falar baiano, ao mineiro, ao fluminense e ao sulista;

2^a: Grupo Setentrional: corresponde ao falar amazônico e ao nordestino.

Em contrapartida, Noll (2008, p. 53) fez uma releitura da divisão dialetal, isoglossa, feita por Nascentes em 1922. Segundo a abertura das pretônicas, ele considera os seguintes dialetos brasileiros como pertencentes ao grupo setentrional:

- o amazônico (Acre, Roraima, Amazonas, Pará, Amapá);
- o nordestino (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas);
- o baiano (Sergipe, Bahia, norte de Minas Gerais, norte de Goiás).

Já com relação ao fechamento das pretônicas, Noll (2008) considera os seguintes dialetos, no grupo meridional:

- o mineiro (centro e oeste de Minas Gerais);
- fluminense (leste de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro);
- o sulista (sudoeste de Minas Gerais, sul de Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Com esta divisão fica claro que, entre o falar teresinense (pertencente ao grupo setentrional) e o falar gaúcho (pertencente ao grupo meridional), a diferença dialetal respectiva às vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica consiste na pronúncia aberta, nos falares do primeiro grupo e fechada, nos falares do segundo. Ainda sobre esta diferença, Noll (2008, p. 51) declara que “[...] o critério da abertura e do fechamento dos /e/, /o/ pretônicos forma, até hoje, a base para uma grande divisão dialetal do português brasileiro que, em 1922, Nascentes propôs em *O linguajar carioca*”. O autor traz uma contextualização histórica que nos ajuda a compreender com mais precisão a alternância entre a realização das vogais médias pretônicas abertas e fechadas entre o português brasileiro e o português europeu.

A realização distinta das vogais orais em posição pretônica no português europeu e brasileiro remonta ao desenvolvimento do português europeu no século XVIII. Após a resolução dos hiatos medievais, o português dispunha, no início do século XVI, de oito vogais orais (/i e ε v a o u/) na posição pretônica. O português brasileiro simplificou esse sistema para cinco fonemas (/i e a o u/), eliminando as vogais semiabertas, de modo que /e/ e /o/ nas áreas meridionais são articuladas de modo fechado. A abertura das pretônicas /e/ [ε], /o/ [ɔ], existente no Norte e no Nordeste, pode ser vista como uma variante na diminuição do número de vogais pretônicas para cinco fonemas ([i ε a o u] vs. [i e a o u]). Dado que, nessa área, se trata meramente de uma tendência para a abertura, enquanto na região meridional o fechamento se apresenta como amplamente generalizado, a abertura das pretônicas parece ser a evolução mais recente. (NOLL, 2008, p. 221).

Considerando as palavras do autor e as variações das vogais médias pretônicas, dentro do contexto fonológico da língua, é possível a verificação da ocorrência de “[...] assimilações harmônicas, que conduzem ao alçamento da pretônica, sobretudo, em conexão com um [i] seguinte. Em *menino* [mi'ninu] e *bonito* [bu'nitu], observa-se a realização predileta das variantes alçadas, sem que o alçamento em tais casos seja obrigatório” (NOLL, 2008, p. 54). Teyssier (2014) evidencia que o falante da variedade brasileira é um tanto quanto conservador, por cultivar pronúncia do português europeu de séculos passados. A esta noção, o autor apresenta como exemplo, considerando de um lado a vogal átona final a pronúncia de [i] por [e], de forma a ignorar a de [ẽ], marca que caracterizava o português europeu da primeira metade do século XVIII. E de outro lado, a vogal em posição pretônica, em que o falante brasileiro comumente, no português hodierno, conserva a pronúncia antiga de [e] e [o], como em *p[e]gar* e *m[o]rar*.

Silva (2009) apresenta um estudo minucioso sobre o comportamento das vogais médias pretônicas na variedade de Teresina-PI, que gira em torno da variação tripartida: manutenção (vogais residuais), elevação (vogais altas), abaixamento (vogais baixas). Os resultados apontam que o abaixamento da vogal média em Teresina é semelhante ao de outros estudos sociolinguísticos, cuja predominância recai sobre a realização da vogal média aberta em contextos de fala nordestinos, de modo que a vogal contígua e o contexto circundante revelam que pode existir “uma regra de Harmonia com a vogal baixa, seja /ε ɔ/ seja /a/” (SILVA, 2009, p. 141). Conclui que a realização da vogal média aberta é a marca dialetal teresinense em comparação com a da vogal alta e da fechada, fato que sugere o encaminhamento das vogais situadas no sistema vocálico da variedade teresinense, em direção à Neutralização em favor da média aberta em posição pretônica.

Uma pesquisa de dissertação de mestrado realizada por Celia (2004), em Nova Venécia-ES, cujo objetivo foi analisar a variação linguística das vogais médias pretônicas na variedade culta da fala da cidade, a fim de caracterizar o dialeto capixaba em comparação a outras variedades brasileiras, apresenta como resultado que, o abaixamento das vogais médias em

posição pretônica, considerando a classificação apresentada por Antenor Nascentes (1953), deve ser interesse de discussão, em virtude de que talvez se devesse incluir o falar capixaba no grupo do norte ao invés de inseri-lo no sub-falar fluminense, como o fez o autor, bem como estender a fronteira da Bahia para o Espírito Santo. Contudo, para que se chegue a tal ponto, necessitam-se de muitas investigações de cunho dialetológico e sociolinguístico, de modo a se constituir uma proposta mais precisa, que vise a atender o posicionamento da autora. Portanto, Célia (2004) observou que tanto o abaixamento como o alteamento da vogal média pretônica residem no falar de Nova Venécia-ES, em níveis de proximidade de ocorrência. Ressalta ainda que o abaixamento se apresenta com maior frequência e em nível mais elevado na fala de baianos e sergipanos do que na de mineiros e capixabas.

Graebin (2008) analisou a variação das vogais médias pretônicas em Formosa-GO. Para tanto, o estudo foi desenvolvido sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, atrelada a três modelos teóricos sobre a mudança sonora: o neogramático, o difusionista e o dos exemplares. Percebe-se, ao longo do trabalho, a preocupação da autora em tratar o contato dialetal entre falantes de Formosa e de Brasília. Quanto aos resultados, foi confirmada a classificação de Nascentes (1953), por intermédio de comparações com pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas sobre o fenômeno, a considerar os falares: soteropolitano, jeremoabense, brasiliense, carioca, gaúcho e belo-horizontino. Os estudos descritos nas pesquisas sobre os três primeiros dialetos estão classificados dentro dos limites da mesma isoglossa de Formosa. Já os três últimos, foram utilizados pelo fato de Graebin considerar o falar da comunidade de estudo, pertencente a uma esfera linguística abrangente. A autora verifica que a ocorrência de abaixamento na fala de Formosa é bem menor que em Salvador e em Jeremoabo e maior que em Brasília. Graebin (2008, p. 122), assevera que não é uma novidade brasileira, senão uma herança do Português Europeu. Com relação ao falar nordestino, argumenta que os acentos secundários podem ter “[...] encontrado no padrão melódico das variedades nordestinas um ambiente propício para a proliferação e perpetuação, mais do que nos dialetos falados ao Sul e Sudeste do país [...]”. O levantamento histórico da pronúncia das vogais médias pretônicas foi considerado um aspecto importante a ser notado nas análises da pesquisa, visto que a estudiosa reflete o acompanhamento do percurso, a compreensão das mudanças e a verificação da descrição dos contextos que propiciam o alteamento e o abaixamento das vogais no português do Brasil, bem como no europeu, como um fator considerável para que se tenha uma visão mais compreensiva e contínua da variação linguística.

Por conseguinte, é notória a relevância da afirmação de que a fala de Formosa não é um fato isolado porque faz parte de um *continuum*.

De um lado, Teyssier (2014) considera o falante brasileiro conservador, com relação às pronúncias remotas do português europeu, relativas às vogais átonas finais e não finais. Fica evidente a manutenção a que se refere, contudo, levantamos o seguinte questionamento: até que ponto o falante do Brasil é avesso a mudanças relativamente a essas vogais? Porventura, é possível inferir que tais falantes ainda não sentiram a necessidade de realizar a mudança, em virtude desse processo ser inerente à língua natural do ser humano, sob influências de níveis constitutivos da língua e de aspectos fora dela que são indissociáveis, na conjuntura da mudança. Ao mesmo tempo que no português brasileiro há a manutenção de marcas dialetais europeias dantes, há também inovações, sobretudo de natureza fonética. Em outras palavras, o conservadorismo e a mudança coexistem na variedade do Brasil com relação ao português lusitano.

De outro lado, Dorneles e Chaves (2013) apresentam dados de dois municípios de Baixo Acre, os quais mostram um equilíbrio entre a realização do fechamento e da abertura da vogal média /e/, de modo a demonstrar um comportamento diferente de outras regiões comparadas, evidenciando a preferência tanto por uma quanto por outra. Para os autores, o resultado alcançado é motivado pela migração de falantes do sudeste e do sul do país, o que atesta, de fato, a necessidade de uma revisão dialetal da divisão de isoglossas elaborada por Antenor Nascentes.

3 Metodologia e análise dos dados

3.1 Metodologia

Os dialetos envolvidos nesta pesquisa são o gaúcho e o teresinense. Quem já teve a oportunidade de conviver com falantes de tais variedades, pôde verificar grandes diferenças do ponto de vista da língua (a considerar aspectos fonológicos, semânticos, lexicais), entre ambos. Nesta direção, uma dessas distinções é a pronúncia da vogal média em posição pretônica, da qual lançamos mão para a execução dessa pesquisa.

Os informantes foram selecionados conforme a quantidade de tempo de residência em Teresina, os quais foram submetidos a 3 (três) procedimentos, durante a coleta de dados, quais sejam: 1. Questionário aberto; 2. Questionário fechado; 3. Leitura de um texto. Para tanto, os dividimos em 3 (três) grupos, falantes com residência de no mínimo 2 (dois) anos e máximo 4 (quatro); entre 5 (cinco) e 9 (nove); e de 10 (dez) em diante. Tal divisão é considerada

significante em uma pesquisa sobre a acomodação dialetal de determinado fenômeno da língua, tendo em vista que os estudos na área destacam o tempo de residência no novo ambiente de fala como um aspecto de grande importância para a convergência ou divergência linguística, a considerar o período, dentre outros fatores sociais.

Quadro 4 – Informantes.

Informante	Duração da entrevista	Tempo de residência em Teresina
Informante 1	01:02:32s	4 anos
Informante 2	01:00:59s	4 anos
Informante 3	56:30s	5 anos
Informante 4	01:05:38s	8 anos
Informante 5	59:52	43 anos
Informante 6	45:37	19 anos

Fonte: Elaboração nossa (2019).

Para as entrevistas, elaboramos um roteiro, com o objetivo de induzir o informante a um falar mais espontâneo, em que ele pudesse usar a sua linguagem do dia a dia, a que costuma usar com sua família e com amigos. Pretendemos, assim, nos primeiros momentos da entrevista, nos desapegar da técnica formal, objetivando, por meio da técnica informal, levantar dados mais confiáveis, em que o informante não teve a preocupação de monitorar a sua fala no momento da entrevista com o pesquisador. Entretanto, no último momento, utilizamos uma técnica mais formal, que é o estilo de leitura. A coleta de dados foi realizada em locais públicos, como por exemplo, universidade, em ambiente de trabalho e, em alguns casos, na própria residência, respeitando a disponibilidade dos informantes. Deixamos claro, ainda, que o informante (voluntário) estava livre para a qualquer momento desistir e encerrar a pesquisa, sem que lhe custasse nenhum dano.

Para analisar os dados, utilizamos uma abordagem quantitativa, sob a perspectiva da sociolinguística variacionista laboviana, levando em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o processo de acomodação das vogais médias em posição pretônica faladas por gaúchos em situação de contato dialetal com falantes de Teresina-PI. Os dados coletados foram rodados no programa computacional Goldvarb X. Entretanto, optamos por utilizar um modelo binário da variável dependente e, portanto, amalgamando todas as variantes encontradas. Neste modelo, “a variável dependente é tratada em termos das

probabilidades e percentuais de acontecimentos de determinada alternativa, oposta à ausência dessa alternativa” (GUY e ZILLES, 2007, p. 141). Tal procedimento foi relevante por vários motivos: a) a limitação do programa de computador Goldvarb X que só realiza análise binária; b) uma verificação ampla dos contextos em que ocorrem as variantes não-padrão; c) a quantidade de dados reduzida para uma análise eneária que poderia gerar nocautes por falta de dados.

Consideramos as seguintes variáveis dependentes:

Fechamento da vogal /e/ – para a realização de *p[e]rgunta*.

Abertura da vogal /ɛ/ – para a realização de *p[ɛ]rgunta*.

Fechamento da vogal /o/ – para a realização de *f[o]rró*.

Abertura da vogal /ɔ/ – para a realização de *f[ɔ]rró*.

Na escolha das variáveis independentes de análise estatística dos dados, fizemos uma derivação das de Marques (2006), que são descritas a seguir:

a) Vogal da sílaba subsequente

Marques (2006) afirma que é relevante porque as vogais médias pretônicas podem sofrer influência de segmentos consonantais que lhes permeiam, com o tipo da consoante da sílaba subsequente e precedente.

b) Contextos fonológicos precedente e c) subsequente

Marques (2006) acredita que a consoante que precede as vogais tem influência sobre o comportamento das pretônicas. Neste caso, consideraremos a seguinte classificação: alveolar [t, r, d, n, l, s, z]; labiodental [p, b, f, v, m]; velar [k, g, ɾ] e palatal [ɲ ʎ].

d) Estilo

Consideramos os questionários aberto e fechado bem com a leitura. Verificamos qual dos estilos, formal/informal, contribui com maior peso para a acomodação das vogais médias pretônicas.

Para as variáveis extralinguísticas, selecionamos as seguintes categorias:

a) Tempo de residência em Teresina

Nesta categoria, formamos três grupos, um com informantes gaúchos que residem em Teresina de 2 (dois) a 4 (quatro) anos; o outro com informantes que aqui residem entre 5 (cinco) e 9 (nove) anos, e, por último, informantes que vivem aqui há 10 (dez) anos ou mais.

b) Frequência das visitas à comunidade de origem

Consideramos, nesta categoria, a frequência das visitas feitas à comunidade de origem, pelos falantes gaúchos. De tal modo, verificamos por meio de um conjunto que se divide assim: semestralmente, anualmente e nunca.

3.2 Análise dos dados

Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa computacional Goldvarb X, o qual nos possibilitou realizar 3 (três) rodadas: identificação da realização das vogais médias pretônicas; apresentação das variáveis dependentes com a presença de nocautes; e seleção dos fatores relevantes.

De tal modo, fizemos primeiramente uma análise percentual da ocorrência das vogais médias /e/ e /o/ na pauta pretônica, extraída da fala de gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses, separadamente, que já nos permite idealizar a acomodação ou não do fenômeno estudado. No turno seguinte, analisamos, ainda, os fatores linguísticos e extralinguísticos que foram utilizados para as rodadas, dando ênfase, de maneira primária (com os dados percentuais), às variáveis selecionadas como significantes pelo Goldvarb X e, de maneira secundária, às que foram consideradas como não significantes para o processo de acomodação, pelo programa, mas que são, entretanto, relevantes para a compreensão dos resultados alcançados. Assim, o gráfico, abaixo apresenta a porcentagem relativa à recorrência da vogal média /e/ em posição pretônica na fala dos gaúchos.

Gráfico 1 – Acomodação da vogal média pretônica /e/



Fonte: Elaboração nossa (2019).

O gráfico 1 nos revela que a realização da vogal média /e/ em posição pretônica não indica acomodação do falar teresinense, por parte dos falantes gaúchos, a considerar que aqueles a realizam aberta, ao passo que estes, a realizam fechada. Nesta conjuntura, os resultados, acima, revelam a ocorrência de 1% da abertura da vogal, em detrimento de 99% do fechamento da vogal. Bisol (2014) chama a atenção, sobre as variedades do Rio Grande do Sul, para o fato de que, no referido contexto de fala, coexiste a realização da vogal média pretônica fechada e alta, isto é, inexistente a abertura da vogal.

De modo análogo, é interessante ressaltar que a abertura da vogal média pretônica /e/ não está sequer em processo de assimilação na fala dos gaúchos, dado que a expressão percentual se mostra quase que categórica com relação à manutenção da vogal, de forma a apontar que os referidos falantes estão conservando tal fenômeno, de sua fala da comunidade de origem, por inúmeros fatores, os quais tentaremos compreender a partir da análise das variáveis linguísticas e extralinguísticas, bem como das atitudes que eles empenham tanto sobre o falar do novo grupo quanto do de origem.

Das 5 (cinco) variáveis³ independentes utilizadas para a codificação dos dados, apenas a variável vogal da sílaba subsequente foi selecionada como significativa pelo Goldvarb X, para a acomodação da vogal média /e/ em posição pretônica na fala dos informantes. A referida variável está detalhada na tabela, abaixo, conforme os dados extraídos do programa.

Tabela 1 – Vogal da sílaba subsequente

<i>Fator</i>	<i>Abertura</i>		
	Aplicação/Total	%	PR
<i>Vogal baixa oral [a]</i>	2/179	1.1	0.32
<i>Vogal média nasal [õ]</i>	2/21	9.5	0.45
<i>Vogal alta oral [i]</i>	2/270	0.7	0.76

Com referência à tabela 1, podemos observar a predisposição da vogal alta oral [i] para a realização de abertura da média /e/, na fala dos gaúchos, a considerar o peso relativo de 0.76, que revela o condicionamento de tal fator para a variação da mencionada vogal média em pauta pretônica.

³ A variável independente contexto fonológico subsequente foi excluída da rodada.

A partir deste resultado, é importante trazer à baila a seguinte questão: quando a vogal da sílaba subsequente, sobretudo a da sílaba tônica, é alta, há grande proporção de abertura da vogal precedente, no contexto de fala teresinense, visto que é um fator que condiciona tal variação na variedade nordestina. Para tanto, Silva (2009) aponta que os resultados sobre a vogal média em Teresina é semelhante aos de outros estudos sociolinguísticos, em que a predominância incide na realização da vogal média aberta em contextos de fala nordestinos, de modo que a vogal contígua e o contexto circundante revelam que pode existir “uma regra de Harmonia com a vogal baixa, seja /ε o/ seja /a/”.

Ainda sobre o fator vogal da sílaba subsequente, Freitas (2001) assinala que o fechamento, abaixamento e alteamento das vogais médias pretônicas são desencadeados pela marca vocálica seguinte, independente da tonicidade. Contudo, observamos que na fala de gaúchos, independentemente da vogal subsequente (átona ou tônica) ser aberta, a pretônica tende a realizar-se fechada, como palavra “serviço”.

Quadro 5 – Exemplo da variação da vogal média /e/ em posição pretônica

Realização da vogal	Exemplos	Falar característico
Fechada	s[e]rviço	Gaúcho
Aberta	s[ε]rviço	Teresinense
Alteada	s[i]rviço	Gaúcho e teresinense

Fonte: Elaboração nossa (2019).

Vejamos no quadro 5 que a média pretônica da palavra “serviço” pode ter três realizações, como já visto nos trabalhos sociolinguísticos antecedentes. O alteamento da vogal é comum aos dois dialetos, em contrapartida, o fechamento é realizado pelos gaúchos e abertura pelos teresinenses. Nas duas últimas realizações, há a influência da vogal alta oral [i] na sílaba tônica, isto é, ela é condicionadora da abertura e alteamento da vogal média /e/ em posição pretônica.

Nesta pesquisa, foi possível observar a independência do contexto vocálico subsequente, mesmo que os falantes estejam em contato diuturno com teresinenses, de forma que encontramos pouquíssimos casos de realização aberta, que seguramente, estão sendo influenciados por fatos socioculturais, indicando a mínima probabilidade de acomodação futura, que dependerá, essencialmente, de fatos sociais de representatividade da cultura/história/economia de Teresina. Neste contexto, corroboramos Giles e Ogay (2007),

quando defendem que a comunicação não é influenciada apenas pelas características da situação imediata e orientações dos participantes, senão pelo contexto socio-histórico no qual a interação se insere, bem como fatores relativos à interação na acomodação, os quais vão além de troca de informações, ideologias e até mesmo a subjetividade interpessoal do agente comunicativo, que carrega em si a ótica perceptiva do estereótipo social.

É interessante observar que, neste grupo de fatores, a maioria deles deu nocautes pelo fato de terem sido considerados como regras categóricas pela realização total de 100% dos dados voltados para o fechamento da vogal média /e/ em posição pretônica. Os fatores são: vogal baixa nasal [ã]; vogal média nasal [ẽ]; vogal média baixa central [ɔ]; vogal média nasal [õ]; vogal média oral [o]; vogal média oral [e]; vogal alta oral [u]; vogal média-baixa [ɛ]; vogal alta nasal [ũ]; e vogal alta nasal [ĩ]. Conseqüentemente, tivemos que eliminar tais fatores, a fim de que o programa nos desse os pesos relativos e o fator de significância para a variável dependente.

Algumas variáveis independentes foram selecionadas pelo Goldvarb X como não significantes, como foi o caso do contexto fonológico precedente (variável linguística, considerando que o contexto fonológico subsequente foi eliminado da rodada); estilo (variável estilística); frequência das visitas e tempo de residência (variáveis extralinguísticas) em Teresina. Isto posto, podemos, pois, inferir que a não acomodação da vogal média /e/ em posição pretônica tem que ver com a insignificância de tais grupos de fatores, uma vez que eles acarretam um papel preponderante no processo acomodativo.

Gráfico 2 – Acomodação da vogal média pretônica /o/



Fonte: Elaboração nossa (2019).

O gráfico 2 nos revela dados parecidos com o gráfico 1, discutido anteriormente. Neste caminho, o resultado encontrado aponta que a vogal média /o/ em pauta pretônica, falada por gaúchos em situação de contato comunicativo com teresinenses não sofreu acomodação dialetal, no que respeita à realização da abertura da vogal. Em termos percentuais, há uma enorme discrepância entre a abertura e o fechamento da vogal média pretônica /o/, apresentando 3% e 97%, respectivamente.

Com relação às variáveis independentes, o programa selecionou como significantes o contexto fonológico subsequente, a vogal da sílaba subsequente, o contexto fonológico precedente e o estilo, respectivamente na sequência de relevância. Como não significantes, as variáveis frequência das visitas à comunidade de origem e o tempo de residência em Teresina.

Tabela 2 – Contexto fonológico subsequente

<i>Fator</i>	<i>Abertura</i>		
	Aplicação/Total	%	PR
<i>Alveolar</i>	12/345	3.5%	0.46
<i>Velar</i>	1/65	1.5%	0.68

<i>Labial</i>		3/151	1.9%	0.21
---------------	--	-------	------	------

O contexto fonológico subsequente foi o primeiro grupo selecionado na escala de relevância, pelo programa. Silva (2009) apresenta que o contexto seguinte das consoantes circundantes é mais favorecedor à realização das médias fechadas no falar teresinense, considerando a possibilidade de ocorrência, já que se trata de variação tripartite. Relativamente ao contexto de fala de variedades do sul, percebemos há precaríssima recorrência da abertura da vogal, de forma a apresentar, outrossim, um peso relativo de 0.68 para a velar, fato que coloca tal contexto fonológico como favorecedor para a realização de /ɔ/, diante da alveolar e da labial.

Ressaltamos, ainda, que houve a necessidade de recodificação dos grupos, em que tivemos que eliminar a palatal e a alveopalatal, em virtude dos nocautes, pelo fato de apresentarem uma regra categórica, de 100%, para o fechamento da vogal média /o/ em posição pretônica.

Tabela 3 – Vogal da sílaba subsequente

<i>Fator</i>	<i>Abertura</i>		
	Aplicação/Total	%	PR
<i>Vogal média baixa [ɛ]</i>	2/36	5.6%	0.79
<i>Vogal alta oral [i]</i>	11/148	7.4%	0.31
<i>Vogal baixa [a]</i>	2/132	1.5%	0.51
<i>Vogal média baixa [ɔ]</i>	1/6	14.3	0.47

Sobre a vogal da sílaba subsequente, a que se mostra mais favorável à realização da vogal média pretônica aberta /ɔ/, é a vogal média baixa /ɛ/. Neste contexto, citamos Silva (2009) e Bisol (2014) para mostrar que a altura da vogal da sílaba subsequente favorece a realização da vogal pretônica, contudo, é perceptível que tal condição não se aplica ao contexto dos gaúchos em situação de contato com teresinenses. Isto revela que, pelo fato de estarem em contato comunicativo com a realização ora aberta, ora fechada e ora alteada, pode estar, conseqüentemente, influenciando na manutenção na média fechada, em termos fonológicos.

Na pronúncia da palavra “fórró”, por exemplo, observamos que mesmo sendo a vogal da sílaba subsequente, átona e aberta, os falantes ainda, assim, mantêm a pronúncia da média

pretônica fechada. Neste caso, o teresinense falaria: f[ɔ]rró, em detrimento de f[o]rró, marca da fala do gaúcho.

É interessante ressaltar que, neste grupo de fatores, ocorreu nocautes pelo fato de terem sido considerados como regras categóricas pela realização total de 100% dos dados voltados para o fechamento da vogal média /o/ em posição pretônica. Os fatores são: vogal baixa nasal [ã]; vogal média nasal [ẽ]; vogal média nasal [õ]; vogal média oral [o]; vogal média oral [e]; vogal alta oral [u]; vogal alta nasal [ũ]; e vogal alta nasal [ĩ]. Consequentemente, tivemos que eliminar tais fatores, a fim de que o programa nos desse os pesos relativos e o fator de significância para a variável dependente.

Tabela 4 – Contexto fonológico precedente

<i>Fator</i>	<i>Abertura</i>		
	Aplicação/Total	%	PR
<i>Velar</i>	2/131	1.5%	0.50
<i>Labial</i>	6/294	2.0%	0.43
<i>Alveolar</i>	8/151	5.0%	0.54

A tabela 4 nos mostra que o contexto fonológico alveolar é o que mais favorece a realização da vogal média aberta /ɔ/, com um peso relativo de 0.54, a considerar o escasso uso de tal fenômeno variacional. É interessante ressaltar que, o contexto da velar desponta com um percentual relativo de 0.50, que se coloca bem próximo do contexto alveolar.

Neste grupo também houve a necessidade de recodificação, visto que houve nocautes por causa de regras categóricas, com relação aos contextos, palatal e alveopalatal, os quais são responsáveis pelo condicionamento da realização da vogal média fechada /o/, o que põe em pauta a conservação do fechamento da vogal pelos falantes gaúchos.

Tabela 5 – Estilo

<i>Fator</i>	<i>Abertura</i>		
	Aplicação/Total	%	PR
<i>Questionário aberto</i>	6/157	3.8%	0.48
<i>Questionário fechado</i>	10/300	3.3%	0.50

A tabela 5 nos apresenta um peso relativo de 0.50 para o estilo de questionário fechado, ou seja, é o fator que apresenta um maior condicionamento para a realização da abertura da

vogal média pretônica, considerando, outrossim, a sua pouquíssima ocorrência em comparação com o fechamento da vogal.

Na realidade, é um resultado que nos surpreende, apesar da diferença ser muito pequena, dado que o questionário aberto apresenta um peso relativo de 0.48 contra 0.50. Esperaríamos que o questionário aberto apresentasse um peso relativo consideravelmente maior que 0.50, pelo fato de ser um estilo informal, em que os interagentes não tendem a se policiar tanto quanto diante de um questionário fechado, na situação de interação comunicativa.

É importante relatar que houve regra categórica com o total de 100% para o uso linguístico do fechamento da vogal média pretônica /e/ no estilo de leitura. Quiçá por ser um estilo muito formal, em comparação com os demais, os informantes monitoraram a sua fala, para que realizassem a manutenção da vogal média pretônica, dando provas da conservação do falar de origem, em detrimento do falar do novo grupo de contato comunicativo. Em outras palavras, provas da não acomodação dialetal do falar teresinense, com relação à abertura da vogal média pretônica: /o/ > /ɔ/.

Portanto, cabe destacar, ainda, que dois grupos de fatores foram selecionados como não significantes pelo Goldvarb X: as variáveis frequência das visitas e tempo de residência em Teresina. Mais uma vez, essas duas variáveis foram consideradas insignificantes, uma vez que estudos como os de Marques (2006) e Lima (2013) apontam que elas são de extrema importância para o processo de acomodação, quanto menos numerosas são as visitas à comunidade de origem e maior o tempo de exposição à nova situação comunicativa, maior a possibilidade de que aconteça a acomodação.

Considerações finais

Com este trabalho, objetivamos investigar se os gaúchos que residem em Teresina (PI) estão acomodando a realização da abertura das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, a fim de verificar, por intermédio de uma análise quantitativa, se os fatores linguísticos e extralinguísticos inerentes ao contexto de realização dessas vogais estão contribuindo para o processo de acomodação.

A partir da análise, chegamos ao resultado de que os informantes investigados não acomodaram a sua fala com relação à abertura das vogais médias pretônicas, como são pronunciadas no contexto de fala teresinense. É importante destacar que, nem os fatores linguísticos, nem os extralinguísticos, estão condicionando o processo de mudança linguística relativo ao fenômeno estudado. Neste sentido, nos impressionou, sobretudo, o fator “tempo de

residência em Teresina”, a considerar que uma das informantes já vive com teresinenses há 43 (quarenta e três) anos, contudo, ainda conserva o jeito de falar as vogais em questão, conservado de sua cultura de origem.

Além dos mais, antevemos como necessária a realização da continuidade desta pesquisa, de modo a considerar aspectos teóricos da Teoria da Acomodação da Comunicação, de Giles, no sentido de aplicar diferentes categorias analíticas, por intermédio de uma abordagem qualitativa dos dados.

Referências bibliográficas

BARBOSA DA SILVA, M. Um traço regional na fala culta de Salvador, *Organon*, n. 18, p. 79-89, 1991.

BISOL, L. Vogais pretônicas. In.: _____. BATTISTI, E. *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 19-33.

CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia-ES*. 2004. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, 2004.

DORNELES, D. M.; CHAVES, L. M. N. A vogal pretônica /e/ na fala do Baixo Acre: um estudo geolinguístico e comparativo, *Revista Philologus*, Ano 19, n. 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2013.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FREITAS, S. N. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. 2001. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pará, 2001.

GILES, H.; OGAY, T. *Communication Accommodation Theory*. In.: WHALEY, B. B.; SAMTER, W. (Eds.). *Explaining communication: contemporary theories and exemplars*, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2007, p. 293-310.

GRAEBIN, G. de S. *A fala de Formosa: GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. 2008. 243f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2008.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, I. de S. *Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*. 2013. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, 2013.

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso da história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MARQUES, S. M. O. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. 2006. 158f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. Tradução do alemão por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

SILVA, A. do N. *As pretônicas no falar teresinense*. 2009, 235f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

SILVA, R. V. M. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.

*Recebido em 09 de abril de 2019.
Aceito para publicação em 31 de maio de 2019.*